

SAVIANI, Dermeval. DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico - crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012. 184 p.

Nilvan Laurindo Sousa <sup>1</sup>

O livro *Pedagogia Histórico - Crítica e Luta de Classes na Educação Escolar*, de autoria dos professores Dermeval Saviani e Newton Duarte, apresenta o debate acerca da participação do trabalho educativo escolar no processo de superação da sociedade burguesa. Esse processo se dá por meio da luta permanente pela efetivação das máximas possibilidades de socialização dos conteúdos científicos, artísticos e filosóficos. Elegem, os autores, como tese central a assertiva de que a luta pela escola pública coincide com a luta pelo socialismo, perante a gravidade mundial. Desta forma, é preciso ter atitudes claras e respostas concretas em termos de mobilização coletiva por transformações sociais radicais. O acesso ao conhecimento se apresenta de forma profundamente desigual e seletiva, porém, o discurso de respeito às diferenças culturais, pelo fetichismo da democratização do acesso ao conhecimento, uma lógica de permanente esforço do indivíduo para se adaptar às mudanças constantes das condições de vida e de trabalho que se apresenta de forma camuflada. Para os autores, a luta plena para a socialização do conhecimento pela escola na sociedade burguesa não revolucionará a sociedade, simplesmente porque a escola não tem o poder de mudar a sociedade, mas acreditam que a revolução é uma ação humana, e assim sendo, depende da consciência. A revolução não é um processo espontâneo, mas deve ser movido pela classe trabalhadora consciente e organizada. Desenvolver o trabalho educativo na perspectiva de superação do modo de produção capitalista requer uma pedagogia de inspiração marxista. Este livro, soma-se aos esforços que estão sendo realizados coletivamente para a construção da pedagogia histórico – crítica.

O livro está dividido em sete 7 capítulos os quais apresentaremos de forma sucinta;

A formação Humana na Perspectiva Histórico-Crítica, discute a definição da educação como formação humana e em que ela consiste. O homem é analisado, como um ser situado e determinado pelas condições do meio natural e cultural, os aspectos pessoais e intelectuais. No aspecto pessoal, ou seja, da liberdade, o

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras, Mestre em Educação. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Paraná /UEPG. Contato: [Nilvan@yahoo.com](mailto:Nilvan@yahoo.com)

homem mostra-se capaz de aceitar, intervir e modificar. Desta forma, ele poderá intervir na vida de novas gerações para educá-las. No entanto, a educação continua sem ser legitimada, afinal, com que direito o educador interfere na vida do educando? Na análise intelectual, o homem é capaz de transcender a situação, assim como pontos de vista pessoais, para se colocar na perspectiva universal entrando em comunicação com os outros, reconhecendo as condições situacionais. Funda-se aí a legitimidade da educação, que emerge, como uma comunicação entre pessoas livres em graus diferentes de maturação humana.

No segundo capítulo Duarte parte da afirmação de que na abordagem materialista histórico – dialética, o estudo ontológico do ser social não prescinde do estudo da gênese histórica da especificidade da sociedade perante a natureza. O ser humano é antes de tudo um ser vivo e a sociedade só pode existir em permanente intercâmbio com a natureza. No que diz respeito à educação em geral e à educação escolar em particular, um dos desafios que estão postos para uma teoria educacional marxista é o da construção de uma ontologia da educação. Assim, adotando a concepção de Lukács, a educação adquire real significado como objeto da reflexão ontológica somente quando analisada como um dos complexos que compõem a sociedade. Mas como o ser da sociedade é histórico, a essência ontológica da educação só pode ser apreendida numa perspectiva historicista. Trata-se da análise dos processos historicamente concretos de formação dos indivíduos e de como, por meio desses processos vai se definindo, no interior da vida social, um campo específico de atividade humana, o campo da atividade educativa. O autor constata que são poucas as tentativas de aproximação entre os estudos de Lukács no campo de uma ontologia marxista do ser social e os estudos de Saviani no campo da pedagogia histórico – crítica. Uma das características basilares dos trabalhos de Saviani é justamente a busca da superação da dualidade entre a essência e historicidade, característica essa que fez o pensamento desse educador destacar-se de outras teorias críticas sobre a educação brasileira. Para que uma teoria marxista da educação possa ser também uma pedagogia marxista, é necessário assumir um posicionamento afirmativo sobre o que significa educar seres humanos hoje.

No terceiro capítulo, Saviani aborda o tema da relação entre marxismo e educação pelo ponto de vista da relação mais específica entre a teoria marxista e a pedagogia socialista. Começando pelo significado do conhecimento em Marx como base para o entendimento tanto da teoria marxista da educação como da pedagogia socialista de inspiração marxista, o autor coloca que, para Marx o movimento global do conhecimento compreende dois momentos. Parte-se do empírico, isto é, do objeto na forma como se apresenta à observação imediata, neste momento inicial, o objeto é captado numa visão caótica, sem clareza do modo como ele é constituído. Partindo dessa representação primeira do objeto, chega-se por meio da análise aos conceitos, às abstrações, às determinações mais simples. Uma vez atingido esse

ponto, percorre-se o caminho inverso chegando pela via da síntese, de novo ao objeto, agora entendido não mais como representação caótica, mas como uma totalidade de determinações e relações. Posteriormente, o autor aborda questões específicas da teoria marxista e a educação, destacando que, Marx não se ocupou direta e especificamente da elaboração teórica no campo da educação, mas que não faltaram esforços, seja para identificar no conjunto de sua obra passagens referentes à educação.

No capítulo A Pedagogia Histórico – Crítica e o Marxismo: Equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani, escrito por Duarte, Ferreira, Malanchem, e Muller, os autores tratam da análise e resposta à tese de Lazarini (2010), na qual ele, apoiando-se na crítica de Lessa (2007), se propõe a mostrar que a obra de Saviani e a pedagogia histórico-crítica no seu conjunto apresenta equívocos fundamentais. Lazarini afirma que Saviani ao invés de se posicionar criticamente em relação à lógica do capital, defenderia uma educação escolar centrada no ensino dos processos de trabalho, ou seja, a pedagogia histórico-crítica defenderia a domesticação dos indivíduos ao trabalho alienado. Apoiado em Mészáros e Tonet, Lazarini esforça-se por negar qualquer intenção imobilista, seja de suas análises, seja daquelas nos quais se apóia. Não discute a especificidade da educação escolar, rejeita a tese de pedagogia histórico-crítica acerca da necessidade de socialização do saber sistematizado, e rejeita a afirmação de que a educação escolar seja a forma historicamente mais desenvolvida de educação. Para os autores, Lazarini critica a obra de Saviani, mas ele mesmo permanece na ausência de uma linha pedagógica. Passou a tese tentando provar que Saviani está em desacordo com Marx para, ao final desta, em nome de Marx, lamentar a miséria intelectual para a qual muito contribui uma escola pública. Chega a ser irônico que Lazarini, com o apoio de Lessa, tenha acusado Saviani de empirista quando este analisou a materialidade da ação educativa e ao final de sua tese limite sua defesa da educação a uma pauta de luta na qual estão exatamente listados itens referentes a essa materialidade.

No quinto capítulo discorre sobre as críticas anunciadas na tese de doutoramento de Ademir Lazarini, intitulada: A relação entre capital e educação na obra de Dermeval Saviani: apontamentos críticos, o que resultou no artigo: A pedagogia histórico-crítica e o marxismo: equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani de autoria de Newton Duarte, Benedito Ferreira, Julia Malanchem e Herrmann de Oliveira Muller (2011) que se contrapõem a tese de Lazarini defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, em dezembro de 2010. Para Saviani a tese de Lazarini não traz novidades e retoma as críticas formuladas por Sérgio Lessa, Ivo Tonet e Paulo Sérgio Tumolo. Saviani afirma que evitou responder a essas críticas anteriores e ao longo do tempo foi reunindo os trabalhos que as veiculavam para, caso se tornasse necessário, procuraria responder a todas conjuntamente. Porém, o desenrolar dos acontecimentos se encarregou de relegá-

las ao esquecimento, sendo assim diz Saviani, “resolvi abandoná-las à crítica roedora dos ratos”. Mas neste momento, boa parte delas emergem no trabalho de tese de Lazarini, que a única coisa que traz de novo mesmo é o fato de reunir num só trabalho um conjunto de críticas formuladas de forma mais ou menos esparsa. Saviani afirma não ter sido si surpresa o conteúdo da tese, para ele o fato de reunir num trabalho único o conjunto das críticas não deixaria de ser positivo, porque facilitaria o acesso a elas. O que realmente causou surpresa para Saviani, foi o fato desta tese ter sido produzida ao longo de 5 anos sem que nenhum contato fosse feito, uma vez que se dispôs a estudar a obra de um autor vivo, no mínimo parece ter havido um problema metodológico a pesquisa. Este procedimento permitiria ao autor da tese assegurar-se melhor de seus argumentos. Lazarini diz tratar-se da análise de todos os textos de Saviani, os quais teve acesso. Todavia, Saviani constatou que ele não teve acesso a muita coisa, ficaram de fora praticamente todos os textos em que trabalha no campo da historiografia da educação, apesar de ter ousado fazer uma crítica quanto a produção historiográfica. Saviani afirma não ter sido tratado como um companheiro do mesmo campo teórico político-ideológico a quem se endereçam as críticas para fazê-lo avançar ou para corrigir os desvios detectados em apropriação teórica; no caso, o marxismo. Saviani afirma não ser dado a exegese ou hermenêutica de textos. Por esta razão diz recusar-se a tomar um autor por ele mesmo e debruçar-se sobre seus escritos tentando decifrá-los para expor o núcleo do conteúdo. Diz que recorre aos autores não para chegar á interpretações supostamente correta de seus textos na Linha filológica ou hermenêutica. Não estuda autores pelos autores, mas recorre aos autores para poder compreender melhor a realidade e responder aos problemas enfrentados. O problema para Saviani é que, em geral, as cobranças que são feitas, justificadas pela exigência de uma leitura fiel de Marx, nuns casos, e de Gramsci, em outros, via de regra decorrem de leituras de gabinete, que se comprazem em confrontar textos (os dele) com (os dos autores referência). Quando o que importa é confrontar os textos com a realidade. Saviani afirma não ser um especialista em Marx, só assim estaria qualificado para a dissecação interna de seu pensamento com base na análise detalhada do conjunto de seus escritos. Desta forma, só pode agradecer a quem resolver se dedicar a essa intensa tarefa.

O método desenvolvido por Marx, o método histórico-dialético: “trata-se de um método mais difícil de realizar e de fazer compreender do que o método analítico e linear do racionalismo, mas a ciência e a filosofia não conhecem caminhos fáceis. Segundo Vieira Pinto lembrava que pensar dialeticamente não é apenas pensar as contradições, mas pensar por contradições. Tratará dos três conceitos: educação; formação humana e ontologia. Diga se que este enunciado apresenta-se problemático uma vez que educação e formação humana são sinônimos. Portanto, a inclusão de ambos no enunciado de um mesmo tema resulta num pleonasma. Quanto a ontologia, nós sabemos pelo estudo da filosofia, é o estudo do ser

enquanto ser. Do ponto de vista da linguagem, a expressão “ontologia o ser social” continua problemático. Isto porque ontologia é o estudo do ser enquanto ser, então também a expressão “ontologia do ser social” resulta uma tautologia. Com efeito, se o ser já está contido no conceito de ontologia, é redundante falar em ontologia do ser. Por esse raciocínio caberia concluir que, em lugar de ontologia do ser social, deve-se falar em “ontologia do social”. Eis que a ontologia é o ser do homem, a sua essência, não é dada pela natureza, mas é produzida pelos próprios homens, processo esse que conhecemos pelo nome trabalho. O caminho vislumbrado supõe, porém, a ultrapassagem da lógica formal e o manejo do método dialético. O tema da mesa é educação, formação humana e ontológica. Tendo em vista que é o trabalho que define a essência humana, podemos considerar que está aí a referência ontológica para se compreender e reconhecer a educação como formação humana. O homem se constitui como homem, ou seja, se forma homem no e pelo trabalho. Para fechar a discussão esclarecendo as controvérsias, Saviani explica de forma magistral e afirma que a crítica deveria ser feita então as matrizes teóricas do marxismo, vale dizer Marx e Gramsci. Saviani é criticado por considerar a distinção entre produção material e não material, em lugar da distinção entre trabalho produtivo e improdutivo. Para Saviani essa objeção deve ser dirigida ao próprio Marx, pois é ele quem faz as referidas distinções no “Capítulo VI (inédito)” de O capital. Esse Equívoco – para usar uma palavra que gostam de atribuir-lhe é compreensível em Sergio Lessa por dois motivos: ele se centra apenas no Livro I de O capital e exclui ou secundariza os demais textos, e, ainda, Lessa toma como referência meu texto “sobre a natureza e especificidade da educação”, no qual trabalha com a distinção entre produção material e produção não material, mas não cito diretamente Marx, remetendo a meu texto anterior, “Trabalhadores da educação e crise na universidade”, no qual encontra-se a citação que havia sido publicado em 1984 no livro Ensino público e algumas falas sobre universidade. Lazarini, porém, inclui na bibliografia de sua tese de doutorado o “Capital VI (inédito), de Marx, e também o meu livro ensino público e algumas falas sobre universidade, mencionando explicitamente o texto “Trabalhadores da educação e crise da universidade”. Resulta incompreensível, então, o motivo pelo qual ele precede como se a distinção entre produção material e não material tivesse sido inventada por mim. Lazarini, apenas repete a crítica de Lessa, emerge uma indagação que não quer calar: será que, mesmo tendo conhecimento de meu texto, ele acho dispensável fazer a leitura e igualmente não se deu ao trabalho de ler o tópico do “Capítulo VI (inédito), denominado “Trabalho produtivo e improdutivo”, no interior do qual Marx faz a diferença entre produção material e não material, dentro desta última, as duas modalidades que já mencionei. Talvez seja a não leitura do conteúdo do tópico que levou a considera que ele Saviani tinha inventado a referida distinção afastando assim de Marx. Será que Lazarini leu o título do tópico, mas não achou necessário ler o seu conteúdo? Diante dessa constatação, cabe uma ironia:

“Pobre do nosso Marx! Tão limitado intelectualmente que acabou sendo vítima da simbiose entre idealismo e empirismo sensitivo! E seguindo assim Dermeval vai pontuando suas colocações e esclarecendo minuciosamente as controvérsias e posteriormente conclui que seu esforço em construir uma teoria pedagógica fundamentada no marxismo decorreu da insatisfação com os textos que abordavam a educação nessa perspectiva. Diante disso, em lugar de gastar papel e tinta criticando esses autores por essa insuficiência, optei por me apoiar em seus elementos indiciários em seu percurso pelos clássicos do marxismo para procurar elaborar a teoria de que sentia necessidade. As formulações nomeadas de pedagogia histórico - crítica que, deve-se sublinhar está em construção e não é obra exclusivamente de Saviani. Trata-se de uma iniciativa limitada, lacunosa, que contém equívocos, assim sendo, as críticas capazes de apontar esses problemas serão bem vindas. Essa teoria pedagógica pode e deve ser superada, se este for o caso, que seja no espírito da concepção do materialismo histórico que implica a superação por incorporação.

No sexto capítulo Luta de Classe, educação e Revolução, trata de uma entrevista para *Germinal: marxismo e educação em debate* com o contundente opositor da pedagogia do capital na atualidade um crítico ferrenho da pedagogia do aprender a aprender o Professor Newton Duarte que buscou apanhar a atual conjuntura, no âmbito das relações hegemônicas e das possibilidades abertas para a educação.

Por fim, o capítulo História, trabalho e educação: comentários sobre as controvérsias internas ao campo marxista - Saviani propõe-se a discutir e esclarecer a seguinte problemática da divergência da esquerda e de um modo geral os marxistas, em particular, timbram em cultivar divergências interpretativas sobre as mais variadas questões. Acredita ser uma ironia que existem reformistas que julgam se apoiar em Gramsci para rever o marxismo original. Para é conveniente considerar com reservas as polêmicas internas no campo marxista. Não lhe parece claro que os debates que ocorreram historicamente foram inteiramente positivos. Não lhe parece tão significativo os avanços teóricos provocados pelos confrontos de idéias entre marxistas. Ao contrário, penso que a luta revolucionária mais perde do que ganhou. A impressão de Saviani é de que os intelectuais de esquerda têm um ego um tanto quanto hipertrofiado e que isso dificulta a unidade de propósitos e a convergência em torno dos pontos básicos, com a conseqüência identificação de quais são os nossos inimigos principais contra os quais devemos lutar de forma unificada, somando principais, acabam nos enfraquecendo. Assim, em nome de a suposta fidelidade a Marx, nos afastamos daqueles dois princípios que precisamente pautaram o comportamento de Marx durante toda a sua vida. E pautada também os procedimentos adotados por Engels, Lênin Gramsci. Penso que os esforços que devemos fazer, nós, que integramos o campo marxista, é cerrarmos fileiras unidos em torno da luta pela transformação desta sociedade distinguindo claramente a perspectiva proletária daquela dos burgueses e pequenos-burgueses progressistas.

Neste empenho, cabe considerar nossas diferenças explorando aspectos distintos da teoria marxista e das estratégias de luta, porém fazendo-as convergir sempre para o objetivo do reforço da nossa união na árdua luta que travamos contra as forças de dominantes da sociedade capitalista. No marxismo a história é uma categoria central, por isso essa concepção de materialismo histórico. O ser humano é produzido historicamente pelos próprios homens “o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz inteiramente a sua própria vida material”. No âmbito do marxismo o trabalho tem sido considerado uma categoria-chave para se compreender o sentido da educação, como o fez Gramsci ao introduzir a noção do trabalho como princípio educativo. Algumas controvérsias sobre a relação entre marxismo e educação giram em torno do conceito trabalho. Saviani fala que são muito bem vindo os esforços para esclarecer o significado marxista do conceito de trabalho, tarefa a qual se dedicou, entre outros Sérgio Lessa em seu aprofundamento no capítulo V do livro *O trabalho e o capital*. Igualmente não deixa de ser pertinente a preocupação manifestada por Paulo Sérgio Tumolo em relação as implicações estratégias da adoção do trabalho como princípio educativo nas condições em que vigora o modo de produção capitalista. Saviani alerta para quanto a utilização o conceito de trabalho sem se reportar ao seu significado originário incidem numa leitura equivocada de Marx, instala-se uma controvérsia desnecessária a meu ver e contraproducente que nos afasta do princípio da “firme união ente as forças que buscam expressar e fazer avançar a luta dos trabalhadores”. Dermeval reafirma que na sociedade capitalista em que o trabalho assume a forma da produção de valores de troca, ele não pode ser considerado como princípio educativo. A partir daí, instala-se a controvérsia e terá por efeito de novo, afastamento do princípio da união de forças para fazer avançar a luta dos trabalhadores. Penso, diz Saviani, que é necessário distinguir nesse debate sobre o trabalho como princípio educativo dois aspectos: a) questão teórica e b) a questão estratégica. Desta forma, ele vai esclarecer com base nos clássicos do marxismo, o significado teórico do trabalho como princípio educativo. Saviani mostra ser necessário distinguir a questão estratégica em cujo âmbito o princípio educativo do trabalho constitui referência para se organizar a educação de maneira contra-hegemônica procurando articula-la com o movimento revolucionário de superação do capitalismo.

*Recebido em 31/06/2018*

*Versão corrigida recebida em 15/08/2018*

*Aceito em 15/09/2018*

*Publicado online em 20/09/2018*